



3- Sobre a discussão do futebol como fato social e sua relevância na cultura brasileira ver por exemplo Ronaldo Helal (1990): O que é Sociologia do Esporte. São Paulo. Brasiliense; Roberto DaMatta (1982): Esporte na Sociedade: Um ensaio sobre o futebol brasileiro, in: Universo do Futebol. Rio de Janeiro. Edições Pinakotheke; Arno Vogel (1982): O Momento Feliz. Reflexões sobre o futebol e o ethos nacional, in: Universo do Futebol; e Betty Milan (1989): Brasil, O País da Bola, São Paulo. Best Editora. Biblioteca Educatex de Cultura Brasileira

4- Uma das discussões sobre o racismo no futebol brasileiro encontra-se em Simon Guedes (1977): O Futebol Brasileiro: Instituição Zero. Rio de Janeiro. PPGAS, Museu Nacional, UFRJ.

5- Roberto DaMatta (1987): A Fábula das Três Raças. in: Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social. 2ª ed.. Rio de Janeiro. Rocco, pp. 58-85

vidas, influenciando hábitos e costumes. Vivemos num mundo marcado pelo futebol.<sup>3</sup> Nesse sentido, o futebol brasileiro e sua história se apresentam como um palco extremamente revelador das relações raciais estabelecidas entre nós ao longo do último século.

Por sua vez, *O Negro no Futebol Brasileiro* é uma obra de significativa importância para a história do futebol brasileiro (talvez a mais completa fonte historiográfica já levantada sobre o nosso futebol) e, mais que isso, uma contribuição valiosa para a compreensão de nossa identidade e cultura. Levantando minúcias saborosas e recontando casos já praticamente esquecidos, Mário Filho debruçou-se sobre um aspecto raras vezes explorado pela maioria dos estudos que trataram da sociologia do esporte no Brasil: o caráter e o desenvolvimento das relações raciais.<sup>4</sup> Assim o livro de Mario Filho será por nós utilizado neste trabalho como principal fonte historiográfica sobre a presença do negro no futebol brasileiro, com ênfase particular no futebol carioca e fluminense.

A história da presença dos negros no futebol é capaz de revelar um conjunto de representações sociais sobre o negro e sobre a mestiçagem (e conseqüentemente, os estereótipos e as manifestações de preconceito que a elas se associam). Essas representações podem ser entendidas histórica e socialmente através de um breve inquérito sobre o pensamento social brasileiro, construtor e legitimador de uma interpretação racial da sociedade brasileira – a famosa **fábula das 3 raças**, já apontada, por exemplo, por Roberto DaMatta.<sup>5</sup> Veremos que os pressupostos dessa interpretação se revelam com vigor e transparência na história do nosso futebol. É a “fábula das 3 raças” que se descortina com incrível despudor nessa história.

Já é sugestivo que, no prefácio ao livro de Mario

Filho, Gilberto Freyre tenha descrito a história do futebol brasileiro como a história de “duas forças em conflito: a racionalidade e a irracionalidade” – sendo o futebol o elemento de “sublimação dos impulsos irracionais” dessa nossa sociedade “híbrida, mestiça, cheia de raízes ameríndias e africanas e não apenas européias” (*apud* Mário Filho: Prefácio). O próprio Freyre, quase 15 anos após seu clássico *Casa Grande & Senzala*, ainda cedia aos apelos dos velhos estereótipos racistas, atribuindo aos negros características inatas, como a idéia de **animalidade**, maquiada sobre o rótulo de “impulsividade irracional”.<sup>6</sup>

Por outro lado, retrazando a história do futebol é possível reconhecer um lento processo de integração e de ascensão social do negro na sociedade brasileira em sua transição para a fase predominantemente urbana. Sem dúvida, este não foi um processo fácil, e muito menos está terminado. Todos sabemos como vem sendo longo e penoso o movimento da população negra na direção de uma sociedade mais justa e livre de preconceitos. Através dos fatos levantados por Mario Filho em *O Negro no Futebol Brasileiro* poderemos perceber como o esporte – especificamente o futebol, o esporte nacional por excelência – serviu, em alguma medida, como um instrumento democratizador das relações entre raças no Brasil.

Tampouco foi uniforme esse processo. Durante um século, desde sua introdução aqui, o futebol funcionou ora como elemento integrador (louvando as características supostamente negras e mestiças do nosso futebol, como “ginga”, “malícia” e “arte”), ora como diferenciador (ressaltando as velhas idéias de inferioridade negra, incapacidade mulata). Conquistas e derrotas brasileiras em nível mundial marcavam os avanços e recuos do processo. As derrotas servindo

6 - Sobre o tema, aproveito aqui uma nota de Eduardo Viveiros de Castro. *O mármore e a murta*. in: Revista de Antropologia, São Paulo. USP. 1992, v. 35, p. 63: “O tema das três raças na formação da nacionalidade brasileira tende ainda a atribuir a cada uma delas o predomínio de uma faculdade – aos índios a percepção, aos africanos o sentimento, aos europeus a razão – numa escala que, como em Freyre, evoca as três almas da tradição aristotélica: vegetativa, animal e racional.”

para acentuar preconceitos e ratificar estereótipos (quando negros e mulatos – e, em momentos mais extremos, a própria nação, por ser considerada “híbrida” ou “mestiça” – eram diretamente responsabilizados pelo insucesso esportivo do país). As vitórias, entretanto, servindo como instrumentos de democratização e de maior aceitação da participação dos negros e mestiços na vida social e econômica.

Exemplos que constatarem essa modificação no estatuto do negro no futebol (e por extensão na nossa sociedade) são inúmeros ao longo da história do esporte e aparecem com nitidez no texto de Mário Filho. Basta compararmos as trajetórias de um jogador como Manteiga (um mannhreiro negro, jogador do América nos anos 20 que jamais pisou no hall do clube e sofreu toda sorte de preconceitos por parte dos sócios mais antigos; veja-se nota 11 mais adiante) com a de um Pelé, símbolo do orgulho nacional na década de 70 e hoje ministro (o primeiro ministro negro na história do país), para verificarmos a óbvia transformação. Quem, na década de 20, vendo Manteiga no vestiário do América, “mudando de roupa depressa” para não ser notado, olhos baixos, “tratando todo mundo de senhor, poderia imaginar que um dia um negro viria a se tornar ministro no Brasil?”

A constatação dessa lenta mudança, no entanto, não pode ser confundida com a idéia de plena “democracia racial” ou com a ilusão de que por intermédio do futebol pusemos fim ao racismo. O livro de Mário Filho nos apresenta fatos que constituem um processo de democratização das relações raciais dentro da sociedade brasileira, no qual o futebol exerceu um papel de grande importância. Mas um processo que, não custa repetir, está longe de seu término.

Gostaria de acrescentar um outro exemplo, prosaico de certo modo, mas capaz de revelar como, de fato, ocorreu

uma modificação significativa do estatuto do negro dentro do futebol. Trata-se da questão do saudosismo no futebol, ou antes, das formas em que se traduziu o saudosismo em duas épocas distintas. Ao escrever a primeira edição do livro, em 1947, Mário Filho narrava que uma de suas maiores motivações havia sido a constatação de que todas as manifestações de saudosismo em relação ao futebol provinham de brancos e assumiam a seguinte forma: “o futebol de antigamente era muito melhor, uma época de ouro, os jogadores bem claros, bem brancos, os mulatos e pretos uma raridade...” (Mário Filho:3). Quase 50 anos depois, é conclusivo notar que as manifestações de saudosismo, hoje, assumem a forma radicalmente inversa: “que saudade do tempo em que o futebol tinha mais pretos; Leônidas, Pelé, Didi, Garrincha. Falta arte no futebol, falta a malícia, falta a ginga...”<sup>7</sup>

Aqui chegamos a um ponto fundamental e que merecerá nossa especial atenção. Pois apesar de todos os avanços, é necessário compreender que esse processo de integração do negro através do esporte, não se deu **contra** a ideologia racista (ou contra a fábula das três raças) mas **dentro dela**. Discriminação e integração encontravam suas justificativas sempre nos mesmos termos: perdíamos porque éramos um povo mestiço (“emocionalmente instáveis”, “moralmente fracos”), vencíamos porque éramos um povo mestiço (“cheios de ginga e malícia”, “artísticos”, “musicais”).

Cabe notar que tais adjetivações – futebol artístico, futebol de gala, gingado ou sambado, ou mesmo essa “dança dionisiaca” que era o futebol brasileiro para Gilberto Freyre (*apud* Mário Filho:244) – além de ligadas à própria identidade nacional, estavam calcadas nos mais profundos estereótipos construídos pelo pensamento racista brasileiro e, basicamente, na questão da **mestiçagem**.

Quem, na década de 20, vendo Manteiga no vestiário do América, “mudando de roupa depressa” para não ser notado, olhos baixos, “tratando todo mundo de senhor, poderia imaginar que um dia um negro viria a se tornar ministro no Brasil?

7 - Este tipo de sentimento parece surgir contra uma tendência de “europeização” do futebol brasileiro que se inicia (provavelmente depois do impacto holandês de 1974) com as inovações técnicas de Coutinho em 1978, e que persistiu ao longo dos anos (sob o rótulo “arte versus força”, o que, em outros termos, traduz simplesmente “futebol de preto” versus “futebol de branco”), atingindo seu ponto máximo em 1994 com a própria seleção tetracampeã, que venceu mas “não convenceu”, justamente pelo estilo de jogo adotado pela dupla Parreira-Zigallo, considerado extremamente “defensivo”: um futebol “de força”, mas sem brilho.

Em outras palavras, as categorias atribuídas ao “estilo” do futebol brasileiro (como “arte”, “malícia”, “ginga”) ou seus componentes negativos (“instabilidade emocional”, “fraqueza moral”, “covardia”) sempre estiveram estreitamente associadas àquelas representações relativas ao conceito de um país “mestiço”, o país da *hybris* freyreana, dos excessos, das firulas, da irracionalidade: um país com “litros de sangue negro”, como diria Gobineau. Foram justamente essas as categorias manipuladas para o enaltecimento ou para a depreciação, não só de indivíduos (jogadores) mas de toda a nação, como foi dito acima. A identidade nacional é construída em cima da “fábula das 3 raças”. E a história do futebol é uma fabulosa irradiação dos conceitos que formam essa identidade.

**A identidade nacional é construída em cima da “fábula das 3 raças”. E a história do futebol é uma fabulosa irradiação dos conceitos que formam essa identidade.**

\* \* \*

Para apresentar essas questões, isolei 3 momentos (obedecendo, de certa forma, à própria estrutura do livro de Mário Filho) que podem ser distinguidos ao longo da história do negro no futebol e de sua ascensão na sociedade nacional:

1. A democratização do futebol brasileiro, no período que vai do início até a metade do século, no qual vemos lentamente a aceitação do negro e do mulato dentro do esporte;

2. A Copa de 1950: a tragédia da derrota reacendendo a discussão sobre as deficiências da raça brasileira, as acusações contra os negros e contra a nossa própria “civilização mestiça”;

3. O tricampeonato Mundial em 1970<sup>8</sup>: a “revanche do preto”, centralizada na figura do maior ídolo do esporte de todos os tempos – Pelé.

Como num jogo de futebol, entretanto, esse artigo será dividido em dois tempos. No primeiro, que se inicia

agora, estará contemplada apenas a primeira das três fases isoladas acima, isto é, aproximadamente os primeiros 50 anos da história do nosso futebol. No segundo tempo (a ser publicado no próximo número da revista), trataremos das duas fases finais, encerrando este esboço da história dos negros no futebol brasileiro.

Iniciemos, então, pois a bola está no centro do gramado e o árbitro soa o apito.

### I. A Ascensão Social do Negro

Quando o futebol foi introduzido no Brasil, no final do século 19, a situação dos negros nas cidades era um reflexo da forma desastrosa como se dera a Abolição. Sem um projeto que visasse a integração da população ex-escrava, as conseqüências da Abolição foram a migração de uma grande parte da massa de recém libertos em direção às cidades – despreparadas para absorver tamanho influxo de mão-de-obra não especializada – e, conseqüentemente, uma certa desordem social. O resultado foi o surgimento de conglomerados e de bandos marginais urbanos (os famosos *bandos de capoeira*), “aterrorizando as cidades, assoladas por aquelas multidões de cor sem eira nem beira, largadas à sorte numa nova realidade social”<sup>9</sup>.

Esta situação de instabilidade urbana e de ameaça à lei e à ordem – causada pela súbita presença dos negros nas cidades – parecia dar razão às predições dos anti-abolicionistas (de que a liberdade traria convulsão social) ao mesmo tempo em que reforçava o preconceito e as velhas idéias (que no momento ganhavam legitimidade científica – na pena de um Nina Rodrigues – e erudita, sobretudo com Silvio Romero) acerca da incapacidade inata dos negros e dos mulatos, enfim, das raças “inferiores”, para a vida em sociedade, para a vida civilizada.

**Quando o futebol foi introduzido no Brasil no final do século 19, a situação dos negros nas cidades era um reflexo da forma desastrosa como se dera a Abolição.**

8 - Na realidade, a segunda edição (ampliada em forma definitiva) do livro de Mário Filho não vai até a conquista do Tri, finalizando com a Copa do Mundo de 1962. Inclui propositalmente a Copa de 70 porque acho que ela é o coroamento do processo descrito por Mário como a revanche do preto.

9 - Thomas E. Skidmore (1976): Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio Janeiro, Paz e Terra, p.63. Sobre o impacto social da Abolição ver também Celso M.M. Azevedo (1987): Ond. Negra, Medo Branco. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

Não é necessária aqui uma exposição pormenorizada da história do pensamento racista no Brasil. Basta ressaltar que tais idéias – de que os negros apresentavam “propensões animais” acentuadas, não contrabalançadas por “manifestações morais”, portanto estariam condenados a uma vida coletiva deficiente e desorganizada – remontam a Gobineau, e tiveram um peso realmente considerável no pensamento social brasileiro (DaMatta, 1987:58-85). Lembremos que, na virada do século, Nina Rodrigues – “o principal doutrinador racista de sua época” (Skidmore, 1976:75) – oferecia a “comprovação científica” da inferioridade mental e moral dos negros, mulatos, índios e mestiços em geral, em livros como o famoso *As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil*, e *Os mestiços brasileiros, Negros criminosos no Brasil, O animismo fetichista dos negros da Bahia*. Veremos que toda a imagem **denegrada**<sup>10</sup> e preconceituosa do negro dentro do futebol refletia esta imagística racista.

10 - Note-se que a própria origem da palavra traz embutido o preconceito: *denegrir* – que significa *desacreditar ou desabonar* – é tomar negro.

O futebol na sua origem estava reservado a uma pequena elite urbana. Trazido por ingleses na virada do século, foi logo adotado por entusiastas em São Paulo e no Rio de Janeiro, quase sempre oriundos de famílias abastadas e de boa posição social.

\*\*\*

O futebol na sua origem estava reservado a uma pequena elite urbana. Trazido por ingleses na virada do século, foi logo adotado por entusiastas em São Paulo e no Rio de Janeiro, quase sempre oriundos de famílias abastadas e de boa posição social. O futebol foi inicialmente jogado em clubes exclusivamente ingleses, como o Rio Cricket e o Paissandu Cricket. Também havia uma ligação entre o esporte e as primeiras indústrias brasileiras. Foi o caso do Bangu – fundado como The Bangu Athletic Club pelos mestres tecelões ingleses contratados pela Companhia Progresso Industrial do Brasil (Mário Filho:3-30).

O futebol popularizou-se rapidamente (Mário

Filho:35). No Rio de Janeiro, no início da década de 10, já haviam sido fundados os principais clubes de futebol – Fluminense, Botafogo, América, Flamengo, São Cristóvão e Bangu – e uma Liga Metropolitana (LMSA – Liga Metropolitana para Sports Athleticos) para organizar competições e campeonatos do novo esporte que começava a atrair cada vez mais adeptos e torcedores.

Apesar da rápida vulgarização, nesse início o futebol (como os demais esportes, sendo uma prática estritamente amadora) demandava tempo e dinheiro, coisa que somente uma pequena parcela da população dispunha. O futebol era coisa de rapazes ricos; conta-se que até mesmo ostentavam gravatas de seda nos seus uniformes, não se combatia debaixo de chuva para que os penteados gomalinados não se conspurcassem e as camisas não se desbotassem. Conta Mário Filho que até meados da década de 10, grande parte do material necessário ao jogo – bola, camisas, calções e chuteiras – não era fabricado no Brasil, precisando ser importado. Exatamente por isso, os primeiros clubes foram fundados por pessoas de um alto nível social, como se chamava à época, pessoas “de boa família”. No Rio de Janeiro, foi o caso do Fluminense, fundado por gente como Oscar Cox, Costa Santos, Félix Frias, Fernando e Cândido Gafree, Carlos e Arnaldo Guinle; do Botafogo, fundado por Emanuel e Lauro Sodré, Alberto Borghert, Alvaro e Otávio Werneck; e do América, com os Carneiro de Mendonça (que depois iriam se voltar para o Fluminense). O futebol era portanto um esporte aristocrático e elitista, apesar de sua popularidade crescente. Na verdade, ocorria nesse momento um fenômeno interessante dentro da geografia da cidade: junto com a popularidade do futebol crescia também o distanciamento entre determinados clubes, que acompanhava o distanciamento entre os bairros da cidade.

O futebol era portanto um esporte aristocrático e elitista, apesar de sua popularidade crescente.

11- Um caso marcante de preconceito foi a "contratação" (entre outras, pois na época ainda não havia profissionalismo) do jogador "Manteiga", pelo América, em 1921. A presença de um atleta negro desagradou de tal modo sócios e os outros jogadores do clube que promoveu uma cisão dentro do América. Nove sócios (das famílias Borges e Curtis, e ainda Paulo Vianna), todos eles jogadores, pediram demissão. Manteiga permaneceu no clube sem, no entanto, jamais pisar no hall do América. No mesmo ano, sentindo-se num ambiente inteiramente estranho e hostil a um negro, Manteiga aproveitou uma viagem do América à Bahia para abandonar o clube. Com sua saída, os antigos sócios, Borges e Curtis, retornaram à Campos Sales (Mário Filho:111-115). Nem é preciso ressaltar que a não aceitação dos negros não era um fenômeno restrito à esfera esportiva, mas perpassava todos os círculos sociais. Os negros cidadãos eram os recém libertos, e como tais, eram violentamente empurrados pela elite branca para as margens da sociedade.

12 - Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 16/01/94, Caderno Especial: 100 Anos de Futebol, página B2.

Os clubes da zona sul (considerada a área mais nobre) procurando fechar-se cada vez mais, "cada vez mais cheios de coisa que os da zona norte" (Mário Filho:35). As distâncias sociais, com todas as suas graduações, deveriam ser mantidas religiosamente dentro e fora do esporte.

Nesta estrutura hierarquizada que era o futebol, e num contexto social de instabilidade (marginalização da população negra nas cidades) associado ao preconceito oriundo dos séculos de escravismo negro, era previsível que jogadores pretos e mulatos sofressem uma enorme pressão e forte discriminação. A bem da verdade, até meados da década de 20, eram raros os jogadores negros, mesmo nos clubes menos "gráficos" (os clubes do subúrbio). Um jogador negro não era aceito em quase nenhum lugar.<sup>11</sup> O sentimento geral era o de que o jogador branco seria, necessariamente, muito superior ao negro – primeiro, porque quando os pretos começaram a jogar futebol, os brancos já eram "doutores no esporte" (afinal, foram os seus inventores); e o argumento definitivo era de que "também no esporte a superioridade da raça branca deveria se fazer sentir".

Note-se que essa ausência de jogadores negros não era casual: havia mesmo, até 1918, uma imposição formal da Federação Brasileira de Sports (à época, o órgão regulamentador em nível nacional) contra a participação dos negros nas equipes esportivas. Foi somente em 18, cedendo às pressões de setores da imprensa, que a Federação autorizou formalmente os clubes e entidades regionais a aceitarem inscrições de negros.<sup>12</sup>

Mas os resultados dos primeiros campeonatos de futebol acabariam por ratificar toda essa série de estereótipos e preconceitos contra os jogadores negros e mulatos. Até 1923, todos os clubes campeões, no Rio de Janeiro, contavam somente com brancos (e eventualmente alguns mulatos) em seus times. Brancos,

de "boa família" e, na maioria das vezes, acadêmicos. Foi o caso do Botafogo, campeão de 10, com oito acadêmicos, e do Flamengo bicampeão, em 14 e 15, com nove acadêmicos de medicina.<sup>13</sup> A derrota dos times "sem família" servia para demonstrar, no discurso popular, a superioridade do branco.

Obviamente, a distância nos faz perceber que isso se devia antes às boas condições de vida e à melhor infraestrutura desses times do que a qualquer característica de cor ou raça. Mas, as diferenças sociais e econômicas eram quase sempre subsumidas por uma ideologia que hierarquizava raças. Não eram clubes cujos jogadores foram sempre bem alimentados (cujos jogadores sempre dispuseram das melhores condições para treinos e prática atlética, uma vez que não precisavam trabalhar duro para ganhar a vida) os campeões em cima de clubes cujos jogadores não vinham de famílias abastadas, sem condições materiais básicas para o esporte. Eram os "clubes de branco" os campeões em cima dos "clubes de preto". Os ideólogos da inferioridade negra tomavam o esporte, e então o futebol, como mais uma prova irrefutável de que na hierarquia das raças humanas, os brancos ocupavam a posição mais alta.

As manifestações de preconceito eram as mais diversas, dentro e fora de campo. Dentro, os poucos jogadores negros (dos clubes do subúrbio) tinham que se comportar como "verdadeiras damas". Uma falta ou uma jogada mais ríspida em cima de um branco era a deixa para os mais diversos insultos – "Negro sujo!" – ou até mesmo de invasões de campo na intenção de dar uma "boa sova no agressor" (Mário Filho:83). Tais manifestações ocorriam em todos os níveis. Num jogo do selecionado brasileiro contra o Uruguai, no final da década de 10, Pindaro de Carvalho, "já doutor, de anel no dedo", como nos conta Mario Filho, procurou acertar de

13- O Flamengo foi bicampeão com Pindaro de Carvalho, Emanuel Néri, Angelo Pinheiro Machado, Miguel Coutinho, Raul Vieira de Carvalho, Ricardo Riemer, Alberto Borghert, Gumercindo Othero, Arnaldo Machado Guimarães (todos acadêmicos de Medicina), Othon Baena (acadêmico de Direito) e Armando de Almeida – "Galo" – (o único que não estudava para nada, apesar de ser de família rica). A maioria desses jogadores havia sido campeã pelo Fluminense em anos anteriores. Os clubes campeões até 22 foram: Fluminense (1906, 1908, 1909, 1911, 1917, 1918, 1919); Botafogo (1907, 1910); Poissandu (1912); Flamengo (1914, 1915, 1920, 1921); América (1913, com os Carneiro de Mendonça, 1916 e 1922, sem Manteiga).

14- *A Teoria do Branqueamento – que previa um “branqueamento gradual” e incessante da população brasileira, através da miscigenação – atingiu enorme popularidade, ultrapassando os limites da esfera erudita, onde João Batista de Lacerda e Sílvio Romero, entre outros, destacavam-se na sua defesa. Para uma discussão sobre a ambigüidade da figura do mulato e sua importância como objeto principal de especulação dos teóricos racistas brasileiros, veja-se, por exemplo, Eduardo de Oliveira e Oliveira (1974): O Mulato, um Obstáculo Epistemológico: in: Revista Argumento, edição de janeiro*

qualquer maneira o único preto que jogava pela seleção uruguaia – Gradim; a torcida o incentivou o tempo todo, cada vez que o doutor Píndaro acertava Gradim. o público vibrava “ai, Píndaro!” (Mário Filho:107).

Com os mulatos a situação era um pouco diferente. Os preconceitos não se manifestavam de forma tão direta, tão clara. Em relação aos mulatos no futebol, podemos observar nitidamente os reflexos da chamada teoria do branqueamento.<sup>14</sup> De fato, havia muito mais mulatos do que negros em campos de futebol, mas a situação verdadeiramente incômoda de ser mulato (e de tê-los no time) se refletia nas mais diversas formas de “driblar” a cor, nas várias maneiras de tentar **parecer um pouco mais branco**. Os exemplos são inúmeros, desde Francisco Carregal, único brasileiro (e mulato) no primeiro time do Bangu (1904). Mário Filho descreve uma fotografia desse time do Bangu, na qual Francisco Carregal, no meio dos ingleses, parecia um “dândi em campo”. Diz ele: “Talvez por ser brasileiro e mulato, o único brasileiro, o único mulato do time, (Carregal) caprichou na maneira de vestir. Era o mais bem vestido dos jogadores do Bangu. Os ingleses não prestavam muita atenção a estes detalhes (...) Muito mais descuidados que Carregal. Talvez por orgulho da raça superior” (Mário Filho:9).

Houve também Carlos Alberto, mulato que acabou por dar o apelido de Pó-de-Arroz ao Fluminense. Carlos Alberto saiu do América para jogar no Fluminense, em 1916. Ali, num clube mais aristocrático, sentia-se mais exposto do que nunca (na realidade, sentia-se mais escuro jogando num time só de brancos). Antes de cada partida, enchia a cara de pó-de-arroz para disfarçar o tom da pele. Cada vez que o Fluminense entrava em campo, a torcida adversária caía em cima de Carlos Alberto, “Pó-de-arroz, pó-de-arroz!”.

E o pó-de-arroz acabou passando dele para o Fluminense, que assimilou o apelido. E ainda houve Miranda, jogador do América: quando Manteiga foi jogar no clube, Miranda passou a usar um gorro para esconder o cabelo “ruim”, temendo que a pretidão de Manteiga chamasse atenção para sua própria mulatice.

O tom folclórico dessas histórias é incapaz de esconder a dura realidade que era ser mulato ou preto na sociedade brasileira da época – mesmo dentro de um esporte que se tornava imensamente popular como o futebol. Entretanto, à medida que o futebol ganhava importância e popularidade, algumas dessas barreiras raciais iam sendo quebradas. Ainda que do ponto de vista interno dos clubes a preferência fosse sempre por brancos – mulatos e pretos eram aceitos apenas em circunstâncias especiais (e, às vezes, nem isso) –, para os torcedores (cada dia em número maior), já não importava tanto a cor do jogador, era mais fundamental que ele fosse bom de bola. Se o preto ou o branco ou o mulato marcassem o gol da vitória, não fazia tanta diferença. Mas o inverso não era verdadeiro. Bastava uma derrota, uma jogada mal feita para os mulatos e negros serem violentamente “pichados”. Em outras ocasiões, quando um jogador negro não ia bem numa partida, prejudicando seu time mais efetivamente, era de imediato acusado de suborno. “Esse preto está vendido!”, era o que se falava. Nenhuma suspeita de suborno recaía sobre jogadores brancos.

Percebemos aí considerações sobre o caráter e a natureza moral da raça negra, que se originaram da dialética entre o discurso dos círculos eruditos e científicos e o discurso do senso comum. E ganharam tamanha aceitação e força (justamente por terem a legitimidade que a “ciência” confere) a ponto de se transformarem numa ideologia corrente, espalhada

**Se o preto ou o branco ou o mulato marcassem o gol da vitória, não fazia tanta diferença. Mas o inverso não era verdadeiro. Bastava uma derrota, uma jogada mal feita para os mulatos e negros serem violentamente “pichados”.**

indiferenciadamente em todas as classes sociais.

Recorde-se mais uma vez que um dos mais considerados e cultuados cientistas brasileiros do final do século 19, o maranhense Nina Rodrigues, proclamava em suas obras, por exemplo, no já citado *As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil*, que entre as **características inatas** de negros e mestiços estavam **tibieza moral, instabilidade psicológica e impulsividade**.<sup>15</sup> Lembremos ainda que o grande projeto de Nina Rodrigues era o de promover uma ampla reforma penal no Brasil, para que negros, mulatos e índios fossem inimputáveis criminalmente, devido a seus atributos mentais e psicológicos que os colocava **mais próximos de uma vida animal e imprevisível!**

Falando de negros e índios, o eminente médico, titular da cátedra de medicina pública (além de colaborador da revista do mais famoso antropólogo-criminal, o italiano Lombroso) se questionava:

*"(...) Será que se pode exigir que todas essas raças respondam por seus atos perante a lei com igual plenitude de responsabilidade (dos brancos)? Muitas não possuem o pressuposto do livre arbítrio! (...) A domesticação do índio e a submissão do negro são capazes de transformá-los em civilizados?" (Nina Rodrigues, 1894:148-52).*

A resposta de Nina Rodrigues era a negativa. Em relação aos mulatos e mestiços, os argumentos eram semelhantes. Ao contrário de Silvio Romero, Nina Rodrigues via com pessimismo os efeitos da mestiçagem ("considero pouco provável que a raça branca consiga fazer predominar seu tipo em toda a população brasileira", dizia). Pare ele, o mestiçamento, mesmo que não resultasse fisicamente em

híbridos, dava origem "a produtos morais e sociais evidentemente inviáveis". A mistura de raças muito dissemelhantes resultaria num "tipo mental sem valor".

No futebol, como no resto da sociedade, toda essa ideologia da **amoralidade** negra e mestiça (legitimada pelo "saber científico") se fazia sentir de forma muito clara. Quando era preciso justificar as derrotas e invectivar os adversários, os argumentos recaíam sobre negros e mulatos: "fracos emocional e intelectualmente", "imprestáveis", como dizia o doutor Nina Rodrigues.

Ao lado dessa ideologia, no entanto, novos fatores agiam na direção inversa: contra a segregação, dando início a uma maior aceitação dos jogadores negros. O jogador mulato, que se por um lado era objeto da carga preconceituosa, servindo de veículo para a manutenção de estereótipos, por outro, teve um papel central na democratização. E particularmente a figura de um mulato foi fundamental para dar início a esse movimento<sup>16</sup> na direção oposta ao segregacionismo no futebol - Artur Friedenreich.<sup>17</sup>

Com esse nome nada brasileiro, o mulato Friedenreich (filho de um alemão com uma negra) se tornaria o maior ídolo do futebol brasileiro da época, marcando o gol da vitória da seleção no Campeonato Sul Americano de 1919.<sup>18</sup> Não tanto por ter feito esse gol tão importante, mas pelo fato de ser mulato (mesmo não querendo: Friedenreich passava horas, antes de uma partida, procurando alisar, com gomalina e da melhor forma possível, o cabelo). Através dele, uma grande parcela dos torcedores, e do povo em geral, começou a perceber que o futebol não precisava ser de uma cor só, nem só da elite. Podemos imaginar que a importância de Friedenreich se deve ao fato de que ele marca, talvez, o ponto-chave na identificação do futebol com o ethos nacional. Com ele, o futebol e a cultura como um todo começam a se enlaçar de forma quase

*16- O termo movimento pode aqui dar uma idéia deturpada. Não utilizo o termo com o sentido de movimento político ou "projeto" organizado politicamente. Leia-se movimento em seu sentido denotativo*

*17- Artur Friedenreich (1892-1969) foi o primeiro grande ídolo do futebol brasileiro. Pelas estatísticas da Fifa, marcou 1.329 gols (embora nem todos estejam oficialmente contabilizados pela entidade) - mais do que Pelé - em 26 anos de carreira. Foi nove vezes artilheiro do Campeonato Paulista e conquistou sete títulos estaduais. Centroavante habilidoso, jogou no Germânia, Mackenzie, Ypiranga, Paulistano, São Paulo e encerrou a carreira no Flamengo. Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 16/01/94. Caderno Especial: 100 Anos de Futebol, página B2.*

*18- Conta Mário Filho que, após a vitória brasileira, as chuteiras de Friedenreich, ainda sujas de lama, foram expostas na vitrine da loja "Oscar Machado", junto com as jóias de mais alto preço (Mário Filho: 54).*

15- Raimundo Nina Rodrigues (1894): *As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil. Bahia, Guanabara Koogan.*

inextrincável em torno da idéia da mistura, de um país mestiço, formado pela conjunção de múltiplas raças. Talvez, a grande popularidade do futebol decorra disto: ele expressa em si a própria peculiaridade do Ser brasileiro – a idéia de mestiçagem. É possível que, através de Friedenreich esta relação tenha sido pela primeira vez percebida ou sentida pelo inconsciente brasileiro.

Se Friedenreich foi importante nesse nível mais abstrato, onde pensamos, seguindo a tradição romântica alemã, num "espírito" (*geist*) brasileiro imaginado pelos próprios brasileiros, num sentido pragmático a grande revolução ocorreu cinco anos mais tarde, em 1923, com o Vasco da Gama. Pela primeira vez, desde a introdução do futebol no Rio de Janeiro, um time contando com grande número de negros e mulatos foi o campeão, e jogando um futebol arrasador. A reação dos grandes clubes foi imediata, causando uma cisão interna no futebol carioca – nesse mesmo ano foi fundada a AMEA (Associação Metropolitana para o Esporte Amador), na tentativa de conter o avanço de jogadores negros e principalmente a profissionalização que se iniciava no futebol.<sup>19</sup> A profissionalização do esporte significava, naquele momento, uma democratização iminente. Mais do que isso, abria espaço para que uma camada social mais baixa nutrisse pretensões de ascensão, desmantelando a estrutura hierarquizada vigente no esporte. A criação da AMEA retardou em alguns anos a profissionalização, mas ela era inevitável e, em 1933, foi instituída no Rio de Janeiro, com a fundação da Liga Carioca de Futebol. O mesmo se deu nos outros Estados em que se praticava o esporte, com 1 ou 2 anos de variação.

Com a profissionalização, a posição do negro no futebol se transformou consideravelmente. Remunerado, dispendo de tempo para treinamento e

aperfeiçoamento, o jogador negro não era mais a imagem da inferioridade da raça. Pelo contrário, começava-se a valorizar um certo "estilo" de jogo que era percebido como estando diretamente ligado a elementos da cultura negra. O futebol não era mais dos ingleses. Era brasileiro, cheio de traços negros, mulatos, enfim, misturados.

Certamente, a ascensão do negro no futebol não trouxe junto de si o fim do preconceito e da discriminação. Os grandes clubes ainda não permitiam que negros, considerados agora como simples empregados, frequentassem a sede.<sup>20</sup> Entretanto, a profissionalização criava uma brecha para que a idéia de inferioridade inata fosse abolida. Ali estavam os negros e os mulatos jogando futebol, e jogando bem; levantando campeonatos e tornando-se ídolos, ganhando fama e dinheiro de uma forma insuspeitada. Um exemplo, (ainda antes da profissionalização efetiva) deu-se com o caso do famoso jogador Feitiço (Luís "Feitiço" Macegão). Dois episódios alçaram esse jogador – mulato escuro, nas palavras de Mário Filho – à posição de "Imperador do Futebol". O primeiro, num jogo entre as seleções do Rio e de São Paulo, no estádio de São Januário. Cinquenta mil pessoas, entre elas, na tribuna, o próprio presidente Washington Luís. Irritados contra marcação de um pênalti, o time paulista ameaça deixar o campo. O jogo pára. Desce a campo o oficial de gabinete com a ordem do Presidente da República: o jogo tinha que continuar, que os jogadores acabassem com aquilo. A resposta de Feitiço era o exemplo de uma nova era no futebol, coisa inimaginada 10 ou 20 anos antes: "o doutor Washington Luís mandava lá em cima (na tribuna); aqui em baixo (no campo) quem mandava era ele." A metáfora era claríssima: estavam diante um do outro dois reinos distintos – o Estado Brasileiro e o Futebol,

20 - O profissionalismo vinha permitir que os clubes de elite pudessem ter em seus times não só os sócios-atletas, amadoristas puros, mas também os chamados "remunerados", que, homens do povo bons de bola, conquistariam vitórias sem precisar frequentar as sociais do clube. O novo regime manteve o futebol brasileiro dividido por cinco anos. Amadoristas de um lado, profissionalistas do outro. Com isto, a seleção brasileira acabou viajando na base da improvisação para a Copa da Itália de 1934.

19 - O Vasco da Gama foi campeão em 1923. Em 1924 é criada a AMEA (uma liga dos grandes clubes sem o Vasco), com objetivos claros: manter a estrutura hierárquica no esporte, manter a supremacia dos clubes "de branco", através do controle rigoroso do amadorismo. Os jogadores que não tivessem comprovadamente uma profissão estavam proibidos de ingressar na Liga. Profissões menores e aquelas que recebiam gorjetas, tais como garçom, chofer, praça, etc. também estavam cortadas. (Mário Filho: 132-140).

cada qual governado por regras e por gente próprias. E para provar que em campo mandava mesmo, Feitiço fez sinal para os companheiros e o time paulista deixou o campo, encerrando o jogo. O segundo episódio foi a vitória da seleção brasileira contra o time da Escócia, a 24 de junho de 1928. Feitiço marcou quatro gols. No dia seguinte, as manchetes dos principais jornais estampavam com ufanismo: "Mais uma vez a Europa se curva ante o Brasil" e "Feitiço, Imperador do Futebol". Embaixo, um clichê de Feitiço de coroa na cabeça, enchendo a página.

Alguns exageros foram proclamados em relação a essas mudanças. Os mais otimistas, acreditavam que a presença cada vez maior dos negros no esporte e na sociedade urbana eram reflexo do que se chamou de "democracia racial brasileira". Dentro desse quadro, destacamos um interessante comentário do notório "flamengo" José Lins do Rêgo sobre uma vitória brasileira no Uruguai, em 1932. Dizia ele: "Os rapazes que venceram em Montevidéu eram um retrato da nossa democracia social, onde Paulinho, filho de família importante, se uniu ao negro Leônidas, ao mulato Oscarino e ao branco Martim. Tudo feito à boa moda brasileira" (*apud* Mário Filho: 214 – o grifo é meu).

É com Leônidas que a imagem de Gilberto Freyre de um futebol dionisíaco, expressando um país dionisíaco, o país dos excessos, da multiplicidade, da *hybris*, da irracionalidade, se faz sentir mais claramente.<sup>21</sup> O sangue negro transformando em "arte" o que seria um simples esporte. Esta era a diferença do futebol brasileiro e que encantava o mundo.

Sabemos que essas representações do futebol de Leônidas (e por extensão do futebol brasileiro) estavam fundamentadas em uma série de imagens estereotipadas e conceitos construídos em cima da fi-

gura do negro. Mas o fato é que tais representações eram assumidas como parte de uma identidade nacional, não só pelo saber considerado "erudito" ou científico, mas também pelo senso comum, constituindo-se num conjunto de valores que perpassava toda sociedade. (DaMatta, 1987: 62).

Assim é que o futebol brasileiro – e por extensão, a sociedade brasileira – começava a ser decantado como uma maravilhosa obra de arte, fruto da mistura. A mesma mistura que produzia o clássico Domingos, produzia o dionisíaco Leônidas. Não é por outro motivo que os dois foram os principais jogadores brasileiros durante a década de 30. Leônidas, mais do que Domingos, teve uma inserção na sociedade brasileira até então nunca sonhada por um negro. Leônidas aparecia em todos os jornais, era utilizado como garoto propaganda, vendendo produtos (seu apelido, Diamante Negro, virou até marca de chocolate). A popularidade de Leônidas era tão grande que, quando em abril de 1942 foi vendido pelo Flamengo ao São Paulo, os meios de comunicação deixaram de lado as notícias sobre os últimos acontecimento da guerra, para centralizarem-se nele.<sup>22</sup> Leônidas – um negro – tornara-se uma celebridade nacional. Somente o futebol, como o fenômeno de massa mais significativo do país, seria capaz disso.

\* \* \*

Mas eis que soa o apito e devemos encerrar este "primeiro tempo". Ainda nos descontos, podemos vislumbrar a dramaticidade que trará a segunda etapa (a continuar no próximo número da revista): a derrota na Copa de 50 reverterá o quadro otimista em relação à mestiçagem, reacendendo velhos rancores racistas.

21- Os estereótipos nos quais estas suposições se sustentam são antigos como sabemos, ultrapassando de muito a Gilberto Freyre. Eles podem ser encontrados desde Gobineau, passando pela Inglaterra Victoriana, quando a antropologia britânica debruçou-se (principalmente com Spencer e Gillen) sobre os povos australianos. Desde lá, idéias tais como a "irracionalidade" das raças negras, se espalharam como um axioma em quase todos os domínios das ciências humanas. Ver nota 6, supra, sobre uma possível influência aristotélica dessa imagística. Recordemos ainda que Gobineau, imaginando uma teoria evolutiva da humanidade, reservava à raça negra o papel de "contribuintes estéticos" – através da mistura de "poucas gotas de seu sangue" com as raças brancas, contribuiriam para suavizar a "dureza moral" do branco, por sua propensão para as artes, danças e música.

22- Mário Filho conta que a popularidade de Leônidas era tamanha que alguns importantes políticos da época, feridos em sua vaidade, preferiam não viajar no mesmo voo que o jogador: "Imagine se o avião se espatifasse. No dia seguinte todos os jornais, inclusive o sisudo Jornal do Comércio abriam manchetes. Morreu Leônidas Leônidas Morre Tragicamente num Desastre de Avião. E lá em baixo, corpo sete, quase sem destaque, viajavam no mesmo avião o deputado fulano e fosse quem fosse." (Mário Filho: 250).

Numa verdadeira provação, os negros serão culpados pela derrota e pelo fracasso da própria nação. Mas conseguirão sua revanche, após a conquista do tricampeonato, nos pés de Pelé, símbolo máximo da vitória do futebol nacional, e depositário do orgulho e da afirmação dos negros a partir da década de 60.